

## MANIFESTAÇÕES DOS MITOS DA TRADIÇÃO ORAL EM MANOEL DE BARROS E GUIMARÃES ROSA: UMA LEITURA DE GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO E AVE, PALAVRA.

Edna Pereira Silva de Menezes <sup>1</sup>

*“Boa noite, oh de casa,  
a quem nesta casa mora.(...)  
Eis chegado a esta casa  
Os Três Reis do Oriente...” (G. Rosa)*

*“Êta mundão  
moça bonita  
cavalo bão...” (M. Barros)*

### Considerações preliminares:

A hipótese que funda este estudo assume que os mitos da tradição oral desempenham um papel relevante no discurso literário de Manoel de Barros e Guimarães Rosa. A partir dessa consideração a tese se estrutura visando a explicitar, com base nos textos ou etnotextos, das obras *Ave, Palavra* e *Gramática Expositiva do Chão*, a saturação das conotações poéticas da fala, em suas relações de mútua determinação entre a formação imaginária do homem pantaneiro e do homem do sertão mineiro.

Visualiza-se aqui o mito como um ser representante de uma expressão da cultura popular que abrange objetos, conhecimentos, valores e celebrações que fazem parte do modo de vida do povo.

### A cultura popular e seus mitos:

Segundo Câmara Cascudo os mitos subdividem em gerais (primitivos) e secundários (ou regionais), pautando-se nos dados históricos que lhe revelem o berço étnico de cada um (Cascudo, 1983).

---

<sup>1</sup> UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Mircéia Eliade afirma que o mito é uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como que, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento. (Eliade, 2000).

De fato, a palavra mito é hoje empregada tanto no sentido de ficção ou ilusão, como no sentido familiar, sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores de religiões – de tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar. O mito é, portanto a narrativa de uma criação, ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser, e, é aquele que segundo Ecléa Bosi, está assentado no coletivo ou no inconsciente (Bosi, 1995).

Ainda segundo Mircéia Eliade, apesar das modificações sofridas no decorrer dos tempos, os mitos dos primitivos ainda refletem um estado primordial. Trata-se, ademais, de uma sociedade onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e toda a atividade do homem. No entanto, é um fato autêntico que tem acompanhado os povos em todo seu ciclo de vida. (Eliade, 2000).

Focalizar elementos míticos em uma determinada ficção significa considerá-los em um universo específico em que atuam com significações próprias, ou seja, significa tratá-los como elementos já filtrados por uma consciência crítica que lhes deu uma configuração singular, deslocando-o de sua origem primitiva para um novo contexto.

A cultura popular é freqüentemente entendida como folclore ou até como cultura de massa, porque os três são expressões de um processo contínuo de mútuas influências e transformações, no qual chegam a se confundir. O artesanato, a literatura popular, as festas

religiosas, os folguedos, o carnaval, os rodeios e vaquejadas, os provérbios são alguns aspectos do que é, em geral, considerado representativo da cultura popular brasileira. Abrangem as narrativas orais e a literatura de cordel, geralmente vendida pelos autores nas feiras e nas ruas, os desafios, duelos verbais acompanhados de música.

Todos os grupos humanos quando formam uma comunidade ou se constituem como um povo, uma nacionalidade, possuem uma fase em que seu estágio cultural é ainda ágrafo – uma poesia tradicional de natureza oral. Deve-se, entretanto, reconhecer que é através dos versos cantados que, primitivamente, os povos celebram os seus feitos heróicos ou dão seus primeiros passos no sentido da memorização de sua evolução histórica. Pode-se recordar, na Grécia Antiga, o período dos rapsodos ou aedos que, ao som da lira, contavam os poemas de Homero, isto é, os cânones *Ilíada* e *Odisséia*.

Nessa perspectiva, as relações entre mito e literatura são extremamente estreitas e vêm se tecendo há muito tempo, o que pode se explicar pelo próprio sentido original do mito (em grego, *mythos*), narrativa ou fábulas. Os relatos da literatura oral se perpetuam pela palavra falada ou pelas cantorias. São casos (causos, no dialeto rural), lendas, anedotas, cantigas de ninar e mitos de criação coletiva, muitas vezes recolhidos por estudiosos.

No Estado de Mato Grosso do Sul, e mais especificamente na região do Pantanal, embora sem grande divulgação pela impressão tipográfica, mas caracterizando a área cultural do povo sul-mato-grossense, encontram-se mitos da tradição oral. Devido sua situação geográfica de proximidade com as fronteiras do Paraguai e da Bolívia, a região oferece características histórico-culturais diferenciadas das demais regiões do país. Grande parte da superfície desse Estado é considerada a maior área inundável do continente americano - o Pantanal. Seus habitantes são

peessoas simples e guardam em suas memórias histórias que contam como se formou essa parte do continente, considerando que ali existia, há muitos anos, o mar de *Xaraés*.

Conforme Frederico Fernandes, verso e prosa são requisitados pela voz pantaneira de modo a engendrar a cultura oral nas regiões da Nhecolândia, Paiaguás e Mandioré. Essa cultura é ampla e diversificada, abrindo margem pra para classificá-la em prosa e verso, cada qual com subconjuntos. As histórias contadas possuem características que levam a agrupá-las em níveis diferentes, como mito, lendas, contos e causos (Fernandes, 2002)

Desse modo, encontram-se mitos como o *Bicho Pé-de-garrafa*, o *Minhocão*, o *Mãozão*, o *Come-língua* e outros, além de lendas como *A tristeza do Tuiuiú*, o *João de Barro*, o *Guaraná*, só para citar algumas. Assim, inserido nesse contexto, surge na obra do poeta Manoel de Barros as manifestações dessas narrativas míticas, como em:

“Compadre Amaro: – Vai chuvê, irimão  
 Compadre Ventura – Pruque irimão?  
 Compadre Amaro: – Saracura ta cantando  
 Compadre Ventura: - Ué, saracura é Deusí?,  
 Se fosse imbusi, sim...” (Gec, 174)<sup>2</sup>.

Aqui o leitor depara-se com um texto que resgata o mito dos conhecimentos de senso comum do homem simples do Pantanal, no qual ele discute sobre os sinais emitidos pela natureza. Essa sabedoria popular é uma das manifestações da ciência do povo, seu conhecimento sobre o universo, o homem, e os fenômenos naturais relacionados com a vida cotidiana. Além de identificar o anúncio de chuva no som do canto do pássaro o homem sertanejo também determina a época do plantio de acordo com as fases da lua, a medicina rústica e a mistura perigosa de certos alimentos.

---

<sup>2</sup> A obra *Gramática expositiva do chão* será aqui denominada Gec.

Escrevendo sobre um mundo semovente, Manoel de Barros elabora em *Gramática expositiva do chão* uma poesia com “cheiro” de terra úmida e a constante preocupação do pantaneiro com o ciclo das águas e assim deixa eclodir, de forma displicente, em seus versos, mais uma crendice de entes sobrenaturais, maravilhas inventadas pelo povo para satisfazer sua fome de sonhos, em:

“Chegava um dia  
O homem encontrava cobras dormindo na canga dos bois.  
– Sinal de enchente... resmungava... e das grande!” (Gec, 105)

Segundo Berta Woldmam, a poética de Manoel de Barros mimetiza o culto e o folclórico, zarpando para ousadas combinações e dentre estas as cantigas e brincadeiras de crianças (Woldmam, *In* prefácio de *Gramática expositiva do chão*).

Nessa perspectiva, a poética de Manoel de Barros interfere no mundo através da recriação de uma nova linguagem. Uma linguagem que se mostra imprevisível no seu sistema e instaura um novo mundo lúdico que emerge do imaginário. Desse imaginário o ser da poesia se desvela, e consciente de que para assumir novos valores o homem deve tornar-se criança, diz:

“O boi  
de pau  
era tudo que a gente  
quisesse que sêsse:  
(...) O boi de pau  
é um rio  
é meu cavalo” (Gec, 134/135).

Nos versos, a palavra nos leva à infância, ao chão e às origens. Assim, o poeta resgata um espaço vital para a sua poesia mítico-lúdica, pois o “terreiro” é o primeiro universo de uma criança do interior. O terreiro é para as brincadeiras das crianças um verdadeiro Cosmo, e o poeta em sua digressão circula livremente neste espaço. O aedo, como uma criança aparece reinando em suas banalidades mítico-fantásticas.

No que se refere ao resgate dos mitos da tradição oral por Guimarães Rosa torna-se fulcral, nesse percurso, os aspectos da tradição do estado de Minas Gerais. Conforme afirma Saul Martins *in* Megale, a grandeza do ouro e o esplendor das pedras preciosas tornaram o mineiro amante do belo, da poesia e das artes plásticas. No entanto, afirma Nilza Megale, até a psicologia do povo das gerais pode ser observada pelos provérbios, mitos da tradição oral: “mineiro não dá ponto sem nó; mineiro trabalha em silêncio; mineiro dá um boi para não entrar numa briga, mas dá uma boiada para não sair” (Megale, 1999).

A riqueza da linguagem oral em Minas Gerais é muito grande, haja vista o incontável número de parlendas, trava-línguas, quadrinhas, lendas, causos, adivinhações e folguedos, principalmente os folguedos de Folia de Reis. Em *Ave, Palavra*, Guimarães Rosa resgata as cantorias de Folias de Reis em uma viagem pelos maiores museus do mundo. Para cada quadro o escritor desfia uma das cantorias conhecidas nas louvações de Reis.

Assim, é possível dizer através de incursões palimpsésticas, que Rosa identificou os mitos da linguagem oral de Minas Gerais demarcando espaços iluminados como o Museu de Colmar, a Catedral de Spoleto, a Pinacoteca de Munique, em Florença, em Berlim, em Hamburgo, em Londres, em Munique, em Chicago, Roma, Paris e outros. E assim o representa em uma de suas louvações:

“Os que por oculta ciência  
de tudo souberam.  
Seus mágicos presentes,  
O Menino recebe-os.  
O colo.  
A mãe.  
O Universo.  
Atrás, porém, os dois  
– um Burro, um Boi –  
grimaçante e aturdido,  
mugínquo e mudo.

Inevitáveis.  
 Íntimos das sombras.  
 Insubstituíveis. (AP,..)<sup>3</sup>

O escritor mineiro resgata ainda, em *Ave, Palavra* as canções populares e os autos, apropriados às festas e cerimônias da igreja. Segundo Melo Moraes Filho, essas solenidades começam a se desenvolver em esfera mais ampla e com atitudes mais autônomas, a partir do séc. XIII. (Filho, 1989, p. 104).

No entanto, esse gênero de poesia distancia-se, aos poucos, dos cantos puramente litúrgicos e agregam-se a ele sentimentos profanos; de sorte que o pensamento profano e o religioso nele se alternam, não apagando de todo, porém, o relevo artístico e mítico de seu tipo de origem. E é nessa poesia de colaboração anônima que Guimarães Rosa produz o longo poema denominado “Grande Louvação Pastoril”. Como o próprio título sugere o poema é uma grande louvação pelo nascimento da criança Lygia Maria, filha do escritor Franklin de Oliveira.

Conforme escreve Rosa, a grande louvação conta com a colaboração dos violeiros do baixo Rio das Velhas; violeiros das duas beiras do São Francisco; com o pessoal sanfoneiro da Folia de Reis, das Traíras; tambores do Congado, de Jequitibá; conjunto de “berrantes” dos vaqueiros da escolta; zabumbeiros e inúmeros cantadores. Na grande louvação alternam-se as vozes do solista, do coro de fadas, de todos os coros trançados, com o coro dos vaqueiros, depois só os vaqueiros do Urucaia, o vaqueiro-mestre, todos, a boiada zebu, a boiada curraleira, o mordomo dos currais, o marujo, o vaqueiro cearense siriri-caxangá, o vaqueiro Terto, compadre de todos, o Dr. João Rosa, o coro dos caboclos, os sanfoneiros, o coro geral, os zambumbeiros, os tambores, o coro dos cantadores, o fazendeiro-mor, o boizinho araçá, o vaqueiro moço coité-de-flor, o vaqueiro velho sabiãzão, a vaquinha branca, o bezerro da vaquinha branca, o boizinho

---

<sup>3</sup> A obra *Ave, Palavra* será denominada Ap.

malhado, o boizinho raposo, o touro beatão, o touro cinzento, o marujo da “chegança”, o vaqueiro surdo pimpão-paturi, o vaqueiro-mestre Uapa (Ururucuiano), e segundo ele essa louvação não tem fim.

Nesse ato sublime é possível perceber o resgate de mitos da tradição oral de uma região que vai além da esfera das Minas Gerais. Rosa busca mostrar, em sua recriação narrativa, a noção de não fronteira nas manifestações artísticas de um povo. A noção de permanência do entrelaçamento cultural, e nele incrustados os mitos, faz pensar na inevitável relação entre passado e presente, dimensões que se projetam na história e ajudam a construir uma sociedade.

Nesse contexto insere-se o conto “Fita verde no cabelo”, um resgate do conto “Chapeuzinho Vermelho”, típico dos contos maravilhosos ou da narrativa popular, um dos mais antigos gêneros literários. Esse tipo de histórias é criação do imaginário coletivo, que não conhece limites. Apesar da liberdade e da espontaneidade, o contador popular cria dentro de algumas condições muito especiais do meio em que ele vive. Assim, Guimarães Rosa utilizou-se da estrutura do conto infantil para fazer uma profunda reflexão sobre a morte.

Em *Ave, Palavra* encontram-se ainda provérbios tais como “*Antes um pássaro na mão que dois voando*”; parlendas tais como: “*malmequer falhado...*”, brincadeira usual entre moças “casadoiras” do interior: “*Bem-me-quer, mal-me-quer*”

Frederico Fernandes afirma, em sua obra *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira* que, ao se buscar os autores que empregaram a cultura popular regional de Mato Grosso do Sul, não se poderia deixar de fora João Guimarães Rosa, com o conto *Entremeio com o vaqueiro Mariano* (1969). Apesar de não tratar de nenhum mito ou lenda em específico, Rosa descreve minuciosamente a aventura de ser vaqueiro num ambiente pantaneiro, enfatizando a relação do homem com os bichos, as queimadas e enchentes (Fernandes, 2002).



Dessa forma, se Fernandes elege Guimarães Rosa como um escritor que, apesar de sua “mineirice”, procura, nesse conto, resgatar a cultura pantaneira, então se torna de bom tom dizer que os pontos de confluências entre Manoel de Barros e Guimarães Rosa, no aspecto da busca dos mitos da tradição oral permeiam-se no momento em que ambos exploram os mistérios do pré-consciente e dos mitos inseridos no ser humano, seja do pantaneiro ou sertanejo. A linguagem – recriada – do sertão mineiro e da região do Pantanal ajuda a revelar esses espaços como um espelho do mundo. Partindo da fala peculiar do sertanejo e do pantaneiro, os autores submetem esse canal comunicativo a um processo de reelaboração e invenção que leva a atingir significados absolutamente inesperados. Sem dúvida, identificam-se como matéria-prima o sertão e o Pantanal com suas fauna, flora e homens. Mas, a magia que desabrocha desses espaços é o que garante a universalidade do relato oral. O espaço torna-se uma extensão das personagens e o cotidiano confunde-se com o passado, a história de cada um incorpora vivências dos ancestrais e torna-se foco de minuciosa investigação psicológica dos autores.

### **Considerações finais:**

Por conseguinte, com base nos textos ou etnotextos, das obras, *Ave, Palavra* e *Gramática Expositiva do Chão*, recorreu-se experiência intensa das conotações poéticas da fala, tomando por pilar o que segundo Dante é o ato de ir além do que existe na impressão.

Outras abordagens poderiam mostrar mais de perto a saturação dos mitos em sua relação de mútua determinação entre a formação imaginária do homem pantaneiro e do homem do sertão mineiro. No entanto, o que importou perceber, nesse caso, foi o tratamento singularizado dado aos mitos por uma linguagem que os recriou, em seus procedimentos de construção, para gerar novos significados.

Assim, focalizou-se elementos míticos em um universo específico em que atuam com significações próprias, ou seja, tratados como elementos já filtrados por uma consciência crítica que lhes deu uma configuração singular, deslocando-o de sua origem primitiva para um novo contexto.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão**: Poesia quase toda. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1990.
- CASCUDO, Luiz Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1993b.
- \_\_\_\_\_. **A literatura oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, Edusp, 1984.
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e poética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Processo de descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983
- DANIEL, Mary Lou. **João Guimarães: Travessia Literária** Prefácio de Wilson Martins, Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, XXXIII –186 p.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés**: o ouvir da literatura pantaneira. São Paulo,: editora UNESP, 2002.
- FILHO, Melo Moraes. **Tradições populares do Brasil**, São Paulo: Ediouro, 1989.
- LIMA, Rossini Tavares. **ABECÊ do folclore**. São Paulo: Ricordi, 1972.
- MEGALE, Nilza. **Folclore brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

V.V. **Dicionário de mitos literários**/ sob a direção do professor Pierre Brunel; tradução Carlos Sussekind...[et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko, Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.